

VIAGEM E PEREGRINAÇÃO NA ANTIGUIDADE TARDIA: NARRATIVA DO CONHECIDO

MARIA FILOMENA COELHO*

[...] [Os lugares] *eram-nos mostrados seguindo as Escrituras. Entretanto, caminhando chegamos a um local, onde aqueles seis montes entre os quais nós íamos abriam e formavam um vale sem fim, imenso, perfeitamente plano e muito belo, e para lá do vale aparecia o santo monte de Deus...*¹

1

Esta é a primeira impressão que chegou até nós do *itinerarium* que Egéria percorreu na Terra Santa, entre os anos 381 e 384 d.C.. O manuscrito que registra as memórias da viagem desta mulher, infelizmente, não sobreviveu na sua forma integral e hoje acredita-se que se tenham perdido cerca de dois terços. Não sabemos ao certo de onde ela saiu, quais são as suas origens, o que a empurrou à peregrinação. Devido ao desaparecimento da primeira parte do manuscrito, subimos a bordo da memória de Egéria já em plena caminhada, no meio da península do Sinai, dentro de um quadro que ela desenha de forma eloqüente, recorrendo a expressões grandiosas, eternas e belas, prenunciando o

verdadeiro significado e propósito do espetáculo que seus olhos vêem: testemunhar a existência de Deus.

Tal preocupação é recorrente em cada uma das etapas de sua deambulação pelos cenários do Antigo Testamento, permitindo-nos descortinar a presença da divindade por trás de cada movimento da história do povo de Deus, e da vida dos homens e mulheres santos. O *itinerarium* de Egéria recria na nossa imaginação uma época que vivia as peregrinações aos lugares sagrados, muito mais como um caminho filosófico para encontrar e testemunhar Deus, do que como um método purgativo dos pecados que resultava na obtenção do perdão. Ao longo do relato, sobressai de forma evidente a materialidade da Verdade, a própria essência de Deus revelada como justiça. O desejo e a curiosidade que presidem a viagem do peregrino, de conhecer os cenários sagrados, acabam sendo redimensionados pela humildade de saber que aquilo se faz "em nome de Deus".²

2

Na antiguidade tardia, a Terra Santa é invadida por peregrinos que vêm de todos os quadrantes do mundo cristão.³ Jerusalém transforma-se no ponto catalisador da história da Salvação, atraindo todos aqueles que têm condições de se deslocar e um desejo irremediável de tocar e ver com os próprios olhos o cenário onde se desenrola o processo da construção material da Fé. Nesta crença há uma convicção sacramental de que a história da Salvação não é apenas uma ideia; ao contrário, a essência da criação é transformada pela graça nos instrumentos da redenção, bem ali, diante dos olhos do crente. Para o peregrino, chegar ao lugar consagrado é como ter chegado ao *axis mundi*, lugar teofânico da presença divina na qual o homem experimenta, por meio da fé, uma renovação espiritual que o leva ao processo de conversão ou de perseverança.

Os peregrinos vêm de longe e, até mesmo, como Egéria, "do outro lado da Terra".⁴ Como os demais, ela quer, por meio da oração, reviver a história da Salvação *in loco*: uma espiritualidade que precisa da concretude do material para se afiançar.

A prática da peregrinação a Jerusalém está precocemente documentada. Por volta do ano 160, é conhecida a estada na Terra Santa de Militão de Sardes, que buscava localizar os lugares sagrados à luz das Sagradas Escrituras. Entretanto, as peregrinações ganham especial força após o fim das perseguições aos cristãos na época de Constantino (Edito de Milão, em 313), e a profissão de fé do Concílio de Niceia (325). É neste contexto que se deve entender a viagem à Palestina, em 330, da mãe do imperador, Helena, que permitiu localizar, dar materialidade, à fé expressa em Niceia. Sucede-se a construção de basílicas sobre os principais lugares que assinalam a passagem terrestre de Cristo, sempre de acordo com as principais linhas dogmáticas perfiladas nos concílios, o que permite fixar uma espécie de percurso litúrgico, favorecendo o fenômeno das peregrinações. A fé de Niceia é materializada nas pedras da basílica de Belém (Encarnação), da Anástase ou Santo Sepulcro (Ressurreição), da basílica do Monte das Oliveiras (Ascensão). Esse tripé será complementado pelo concílio de Constantinopla (381) que, ao proclamar a divindade do Espírito Santo, inspirou a construção da basílica do Monte Sião, que materializa o Pentecostes. Outros se seguiriam, mas já transcendem cronologicamente a viagem de Egéria à Terra Santa. Assim, não está demais sublinhar que a experiência da nossa peregrina é anterior ao Concílio de Éfeso (431), que atribui a Maria a maternidade de Deus, tendo como conseqüência a construção de um templo sobre a sua tumba, e é também anterior ao Concílio de Calcedônia (451), que reafirma a humanidade de Jesus, permitindo que a paixão adquirisse uma dimensão cada vez mais humana e carnal. Sobretudo, é este um dos aspectos que mais será desenvolvido nas peregrinações a partir da Idade Média, levando o cristão a dividir o sofrimento humano do Cristo (compaixão).⁵

Os primeiros peregrinos, segundo Orígenes, buscavam "*seguir os passos de Cristo, dos profetas e dos apóstolos*". Ou seja, dar materialidade à fé. Vários de entre eles deixaram suas experiências registradas, desde o final do império romano até o séc. IX, entre os quais encontra-se Egéria.⁶ O relato de Egéria ficou perdido por cerca de 700 anos. A cópia que atualmente conhecemos do manuscrito original foi realizada no século XI, em Arezzo, e só foi descoberta em 1884. O documento, como já mencionamos, está incompleto, faltando-lhe a parte inicial e a final, possibilitando apenas recolher as impressões de Egéria entre a sua

viagem pelo Sinai e a vivência litúrgica em Jerusalém. Ela valoriza a igreja local, os monges, os bispos, os homens e mulheres de religião que vivem ou viveram na Terra Santa, e mostra um vivo interesse pela liturgia e, principalmente, pelas festividades solenes.

O texto que vamos analisar é um claro testemunho da vitalidade que as peregrinações adquiriram no final da antiguidade e no início da Idade Média, e, ao mesmo tempo, possibilita-nos desvendar a espiritualidade daqueles primeiros peregrinos, profundamente impregnada pelo modo de vida monástica do deserto e pela tradição veterotestamentária. A fuga para o deserto parece coincidir com as perseguições aos cristãos do Oriente. O monaquismo, nascido no Egito, acelera esse processo de afastamento do mundo, sobretudo a partir de 313, quando o cristianismo ocupa o lugar de religião oficial do estado romano. Os monges da Síria e da Palestina engrossam o movimento e, de repente, o sul da península do Sinai se transforma em um dos cenários mais importantes desse cristianismo primitivo, tal como o têm revelado as escavações arqueológicas recentes. O maciço geológico que dá forma à montanha sagrada do cristianismo passa a abrigar centenas de eremitérios, pequenas igrejas, celas de ancoretas e mosteiros que, no séc. IV são a identidade do Monte Sagrado, garantindo que é ali que se localiza a “morada” de Deus. Foi do alto do monte Horebe que se ouviu a voz do Altíssimo ordenando a Moisés que subisse ao cume e ele, obediente, subiu. Nenhuma tradição hebraica localizava o êxodo do Egito na geografia do Sinai. São os cristãos que identificam e localizam no espaço a história do Antigo Testamento, a partir de deduções e interpretações baseadas nas leituras – ainda que contraditórias – do Livro do Êxodo e do Livro dos Nomes. Da sarça ardente, passando pela Revelação, pelas Tábuas da Lei, e pela Transfiguração, é um cenário profético que dá sustentação a um dos pilares da vida cristã da antiguidade tardia. A presença do deus do Antigo Testamento ainda pulsa naquela geografia. Do alto do monte Horebe brotam, com frequência, raios, trovões, ventanias e tempestades que, acompanhadas de tremores de terra, breves e violentos, evocam a potência divina.

Embora o sul do Sinai seja uma região com densidade pluviométrica muito baixa, a constituição granítica das montanhas, pouco absorvente, permite

que os monges e anacoretas armazenem quantidades de água suficientes para alimentar os seus paraísos. Uma paisagem que abriga grandes contrastes: do cume dos raios e trovões à encosta pontilhada de pequenos refúgios, onde reina a verdadeira paz celestial, protegida pela sombra dos altos ciprestes e generosas árvores de frutos. É claro que na mitologia do Sinai, estes lugares remetem o viajante ao próprio jardim do Éden.

E é aqui que começa o relato de Egéria ou, mais precisamente, a epístola que ela dirige a suas *venerabiles/ animae mea / lumen meum / vestram affectionem*. Provavelmente, irmãs de religião que ficaram na Galícia⁷ e que anseiam pelos relatos daquele elemento que partiu para a Terra Santa. O tom do discurso será sempre humilde, cristão, revelando a consciência daquela que se sabe apenas enviada para depois transmitir, aos que não puderam acompanhá-la, a síntese entre a teoria aprendida e a vivência *in loco*.

...OSTENDEBANTUR IUXTA SCRIPTURAS

São as Escrituras que marcam o caminho de Egéria. Ela faz questão de anunciar, a cada etapa, que o itinerário é feito com a Bíblia na mão. E não deixa de ser interessante comprovar que o manuscrito que chegou até nós se inicie justamente pela "*morada de Deus*". Sentimos a peregrina em grande dificuldade diante da tarefa de transmitir o impacto que lhe produz o cenário.

E embora todos estes, os que existem ao redor, sejam tão altos como eu penso nunca ter visto, contudo, aquele do meio, em que desceu a majestade de Deus, é tanto mais alto do que todos eles, que quando subimos a ele, todos aqueles montes, que tínhamos visto altos estavam tão abaixo de nós como se fossem montículos pequeninos.⁸

Tal fenômeno só pode ser explicado pela graça de Deus, o que prenuncia a dinâmica específica da justiça divina e que Egéria se encarregará de ir desvelando ao longo de seu relato. Com efeito, ela explica que essa dimensão só é testemunhável uma vez que o viajante chega à base da montanha e se dispõe a subir. A subida requer um grande esforço, "*porque não se sobe a pouco e pouco andando em volta, em caracol como dizemos, mas sobe-se tudo a direito, como por uma parede, e é necessário descer a direito estes montes um por um, até se chegar à própria base*

daquele do meio, que é especialmente o Sinai".⁹ Portanto, os caminhos que levam à "morada de Deus" são retos e requerem esforço. Seguindo ainda as palavras da peregrina, ficamos sabendo que só pela vontade de "Cristo nosso Deus" é possível alcançar o cume e que é fundamental, na empreitada, a ajuda e as preces dos santos. Mas, apesar do empenho e dedicação necessários, Egéria revela que o esforço é quase imperceptível diante da magnitude do desejo que domina o cristão nesse momento: subir a montanha sagrada é refazer o caminho de Moisés, é cumprir a justiça de reunir o homem pecador com a divindade. O Monte Horebe é o lugar onde Deus deu a Lei, "isto é, aquele lugar onde desceu a majestade do Senhor naquele dia em que o monte se pôs a fumegar",¹⁰ e não nos parece que seja apenas coincidência que Egéria insista na altura impressionante da montanha, sobretudo se lembrarmos que nos Salmos a justiça do Senhor é justamente comparável às "mais altas montanhas".¹¹

O encontro com os cenários divinos só tem sentido se acompanhados da oração e, principalmente, da luz que vem das Escrituras. Na visita ao monte sagrado, Egéria e seus acompanhantes lêem a passagem do Livro dos Reinos, que contextualiza aquela paisagem dentro da história da Salvação. A descida do monte é feita pelo lado oposto à encosta pela qual se subiu, para que os peregrinos possam conhecer os mosteiros e os religiosos que habitavam ali e, de forma especial, o lugar onde está a sarça. Sim, porque de acordo com o testemunho de Egéria o arbusto continua vivo e produzindo rebentos.

Nesse vale, aos pés do Horebe, ela e seus acompanhantes revivem o *exodus*, passo a passo, reconhecendo a justiça de Deus que se cumpre a cada etapa. Os santos que ali moram são os guias dessa viagem:

Mostram-nos também o lugar onde o bem-aventurado Moisés, regressado da montanha, mandou os filhos de Israel correrem de porta em porta. Igualmente nos mostraram o lugar onde, por ordem do bem-aventurado Moisés, foi queimado o bezerro que Ihes havia feito Aarão. Igualmente nos mostraram a torrente de que o bem-aventurado Moisés fez beber os filhos de Israel, como está escrito no Êxodo...¹²

E o *itinerarium* vai decorrendo ao sabor do ritmo do povo de Israel, mas, sobretudo sublinhando as intervenções divinas que corrigem os desvios da rota. Quando isso acontece, os castigos de Deus são imediatos e somente a

intervenção de Moisés, com a oração, aplaca a sede de justiça do Senhor. A justiça que emerge do relato é de caráter retaliador. Os monges estão ali para descodificar, dar materialidade a essa memória milenar do povo de Israel, que se confunde com a montanha e o vale. Eles continuam mostrando o lugar onde choveu o maná e as codornizes e "*tudo aquilo que está escrito nos livros santos de Moisés*"; por fim, o lugar onde foi construído por primeira vez o tabernáculo e "*em que foi terminado tudo o que, no monte, Deus mandara fazer a Moisés*".¹³ O vale está povoado destes homens santos que, nas palavras de Egéria, sempre a recebem de forma hospitaleira, com grande amor, em nome de Deus, e guiam os peregrinos, mostrando e explicando o que à simples vista estes não entenderiam. Os monges, tal como as Sagradas Escrituras, são instrumentos importantes de Deus para a Revelação.

Abandonando o Sinai, o grupo encaminha-se a outros cenários, sempre dentro da mesma dinâmica. A passagem pela antiga cidade de Ramsés, por exemplo, é devidamente assinalada pelo estado ruinoso em que se encontra, contrastando com os sinais positivos e de vida que emanam daqueles lugares onde se respeitou a lei e a vontade de Deus. Uma justiça que é evidente nas expressões que descrevem estas localidades como férteis e agradáveis. De fato, em Ramsés, apesar de suas ruínas atestarem que se tratou de uma cidade imponente, no momento da visita de Egéria só estão de pé os vestígios que permitem descortinar a intervenção do deus cristão: uma pedra imensa de Tebas, na qual estão talhadas as figuras que se acredita representarem Moisés e Aarão¹⁴ e um sicômoro gigante que teria sido plantado por eles. A árvore, apesar de ressequida, ainda dá frutos e tem propriedades curativas. O bispo de Arábia, que acompanha o grupo neste momento, é o responsável por informar que essa é a "*árvore da verdade*". Uma verdade que, justamente, se impõe à mentira pagã do faraó.

Outro sinal da justiça implacável de Deus encontra-se no vale do Jordão, onde outrora floresceram as cinco cidades pecadoras: Sodoma, Gomorra, Adama, Seboim e Segor.¹⁵ A ira de Deus desatou-se como chuva torrencial de enxofre e reduziu tudo a cinzas! Quando da passagem de Egéria, somente Segor resistira ao tempo e a peregrina fica impressionada. Não existem sequer resquícios da estátua de sal da mulher de Lot, que teria sido engolida pelo Mar

Morto. À direita desse mar, Egéria registra outra evidência: o *Agri specula*, onde Balac, filho de Beor, colocou o divino Balaão para maldizer os filhos de Israel, “mas a vontade de Deus não o permitiu, como está escrito”.¹⁶ Deus aparece nestas etapas em seu papel de juiz supremo ou, melhor dizendo, como o juiz ideal. A sua onisciência permitiu-lhe conhecer as entranhas da alma dos condenados e não errar em seus julgamentos e sentenças. Por outro lado, esse perfil vingativo que emerge das memórias de Egéria revela um deus que julga permanentemente as suas criaturas e que desfere a sua ira sobre os que o desafiam ou rompem o pacto.

Em terra de Jessen, a justiça de Deus revela-se pródiga com a memória dos filhos de Israel, preservando a fertilidade das terras onde eles se assentaram por primeira vez. Egéria diz mesmo que nunca viu “em parte alguma território como a terra de Jessen... sempre entre vinhas que dão vinho e vinhas que dão bálsamo, e entre pomares e campos muito bem cultivados e jardins de primeira qualidade...”.¹⁷ A prodigalidade de Deus mostra-se, portanto, em tudo aquilo que justamente merece ser preservado. Em Enon, perto de Salim, Egéria visita o lugar onde as Escrituras dizem que São João Batista batizava os que queriam se converter. Tal como em outros lugares, é um presbítero com grande fama de santidade que conduz o grupo, levando-o a “*um vale ameníssimo, até que chegamos a um pomar muito ameno, onde nos mostrou, no meio, uma fonte de água ótima e pura que de um só jorro formava um verdadeiro rio*”.¹⁸ Desse jardim “edênico”, o grupo levou frutos (*eulogias*) que lhes foram dados pelos presbíteros que o cuidam, o que, evidentemente, pode também significar tratar-se de frutos espirituais. O princípio da retribuição, como qualidade suprema da justiça, aparece assim, com especial vigor.

Entre o Deus que premia e o Deus que castiga, a nossa peregrina deixa entrever a contratualidade da relação entre a divindade e o homem: este assume a obrigação de ser fiel e obedecer à lei divina, e Deus promete protegê-lo. Assim, é evidente que estas etapas são a decorrência do que foi pactuado no primeiro cenário do relato, entre Moisés e Deus, no Monte Horebe.

Os homens santos que custodiam os lugares sagrados têm um protagonismo especial na memória de Egéria. Seu exemplo de vida, totalmente entregada à causa cristã, é a expressão mais evidente da justiça de Deus. Egéria

nunca se esquece de sublinhar o quão edificante é a vida desses cristãos. Essa santidade é engendrada no modo de vida monástico que escolheram e, para a nossa peregrina, é o método que garante o resultado: "...desde pequenino foi criado no mosteiro e por isso ele é tão versado nas Escrituras e tão irrepreensível em toda a sua vida".¹⁹

Essa é a dimensão que adquire no relato o presbítero que, num ponto do itinerário, fala ao grupo sobre a fonte da encosta do Monte Nebo, da qual Moisés fez brotar a água para aplacar a sede de seu povo. As palavras do santo homem são de tal forma vivas, despertando em Egéria um desejo incontável de ir beber dessa mesma fonte de "*água abundante, muito bela e límpida, de sabor ótimo*".²⁰ Os religiosos são elos fundamentais, aqueles que permitem que o cristão reconheça a Verdade guardada atrás das aparências. Sem essas explicações esclarecedoras, a fonte não passaria de um corriqueiro manancial de água. São os religiosos que, em cada lugar visitado, dão aos peregrinos as *eulogias*, que tanto podem significar as relíquias materiais da peregrinação, quanto os frutos espirituais que, uma vez fixados na memória, frutificarão para sempre. Por exemplo, no alto do Monte Nebo, o grupo visita a igreja, onde vê uma espécie de túmulo que não consegue identificar, mas que os santos do lugar esclarecem tratar-se do lugar que os antigos atribuem ao sepultamento de Moisés. Neste caso, nem mesmo os santos têm certeza, uma vez que o patriarca foi sepultado pelos anjos e sem testemunhas. Em outro momento, é também a devoção e a santidade da descrição dos religiosos de Carneias (antiga cidade de Job), que despertam em Egéria a vontade de partir em peregrinação:

ao falarem pormenorizadamente daqueles lugares criaram em mim um maior desejo de me impor o esforço de ir também até aqueles lugares, se é que se pode falar em esforço quando uma pessoa vê o seu intento realizar-se.²¹

Da mesma forma, o exemplo de vida dos "*santos monges*" da "*Mesopotâmia da Síria*" empurra Egéria a mais uma viagem de peregrinação. Ela ouviu dizer que eles são muito numerosos e levam uma vida tão admirável "*que apenas a muito custo pode ser referida*".²² Na região, ela visita ainda o lugar onde fica o poço de Jacó, perto de Carra, e que está guardado pelos monges que levam "*uma vida verdadeiramente extraordinária*". Tal como nos casos anteriores, os religiosos

receberam o grupo com enorme carinho e mostraram-lhe a pedra que Jacó tirou do poço, tudo com "*palavras dignas de sair da sua boca*". Os "*santos bispos e monges*" do relato de Egéria estão sempre referidos em conversas cujo tema é sagrado. Na realidade, ela esclarece as destinatárias de sua mensagem: "*não quero que Vossa Caridade pense que as conversas dos monges sejam sobre outros assuntos que não as Escrituras de Deus ou as ações dos antigos monges*".²³.

DEUS NOSTER IESUS, QUI SPERANTES IN SE NON DESERET...

A fé é o único caminho para chegar à justiça de Deus. Somente uma fé sem limites permite a entrega total, abrindo os espíritos à Verdade divina. São Paulo explica que a sabedoria deste mundo não consegue compreender os designios de Deus e, portanto, é inútil para compreender a justiça divina. Desta forma, é natural que as expressões da fé sejam o fio condutor da memória desta viagem.

Em Edessa, encontra-se o santuário do apóstolo Tomé, aquele que precisou ver para crer. Não deixa de ser interessante que seja nessa mesma cidade que se cultue a memória do rei Agbar, aquele que, ao contrário, acreditou muito antes de ver. Conta a lenda que Agbar teria notícias da existência de Jesus e das maravilhas que operava e enviou-lhe uma carta, por meio de um mensageiro, na qual declarava acreditar que ele era o próprio Deus ou o filho de Deus e, portanto, suplicava que ele se dignasse a ir a Edessa curá-lo da doença que o afligia, além de lhe oferecer acolhida permanente, posto que sabia que os judeus o tinham desprezado. Jesus, pelo mesmo mensageiro, enviou-lhe uma carta de resposta, na qual felicitava Agbar por ter acreditado sem precisar ver, mas que não poderia atender sua súplica por ter que cumprir a missão que o Pai lhe encomendara. De qualquer forma, comprometia-se a enviar-lhe um discípulo para curá-lo: o escolhido foi Tomé!

Egéria, guiada pelo "*santo bispo*" de Edessa, entra em contato físico com os cenários desse rei. Primeiro, visita o palácio do rei, onde pode contemplar uma estátua "*em mármore, com tanto brilho como se fosse feita de pérolas*". Semelhante esplendor só pode confirmar ter se tratado de um homem bastante sábio e honrado. Nas palavras do bispo, "*eis o rei Agbar, que antes de ter visto o Senhor*

acreditou que ele era verdadeiramente filho de Deus".²⁴ No interior do palácio, Egéria fica maravilhada com a quantidade de fontes repletas de peixes, como ela nunca tinha visto, cujas águas eram límpidas e saborosas; na realidade, ela informa que essa é a fonte que alimenta a cidade "*como um grande rio de prata*". Isto certamente nos faz pensar na imagem do rei Agbar e seu exemplo como fonte de vida para Edessa.

A carta de Jesus a Agbar ganha especial destaque no relato de Egéria. O bispo conta como essa relíquia defendeu Edessa da invasão persa, quando o rei a ergueu como um escudo às portas da cidade. Deus cumpriu a promessa feita por Jesus de defender os territórios de Agbar e "*fizeram-se profundas trevas... os persas ficaram de tal forma perturbados que jamais conseguiram ver*". Ainda assim, tentaram desviar o fluxo de água que alimentava a cidade e que brotava de uma montanha que ficava fora dos muros urbanos. Então, Deus, para fazer justiça, fez brotar as fontes que se encontram no palácio e, imediatamente, secou a água que o inimigo desviara. Sem condições de sustentar as tropas, os persas retiraram-se. O bispo esclarece ainda que a carta era utilizada sempre que Edessa se via ameaçada. Deus nunca falhou.

Assim, na etapa de Edessa, o que sobressai no *itinerarium* não é o apostolado de Tomé - apenas mencionado de forma marginal - mas a fé de Agbar. Egéria percorre todos os lugares que testemunham a entrega do rei a Deus e recebe do bispo uma cópia da correspondência trocada entre o monarca e Jesus, que ela promete dividir com as irmãs na volta a casa. Se lembrarmos as próprias palavras de Cristo a seus discípulos, o Espírito Santo, "*quando vier, argüirá o mundo da justiça, a saber, dos que crêem...*".²⁵ E, acrescenta: "*uma vez que volto ao Pai e já não me vereis, bem-aventurados os que não vêem e acreditam. Assim, será sobre essa justiça que o mundo será argüido porque acreditastes em mim sem me ver*".²⁶ Egéria acredita em tudo, mesmo no que não vê, mas que lhe é contado por aqueles que têm a autoridade religiosa. A justiça é um dos mistérios da fé e a peregrina compreende essa dimensão. Em nenhum momento deixa entrever qualquer dúvida ou questiona a ação da divindade, mesmo que, evidentemente, não a entenda.

A obediência do homem é outro pilar importante para o cumprimento dos planos da justiça de Deus e, neste sentido, o relato de Egéria é abundante

em demonstrações, sendo Moisés a figura mais inspiradora. O *itinerarium* nos leva por uma espécie de geografia da obediência, que começa pelas instruções que Deus dá ao patriarca no Monte Horebe – que ele cumpre de forma empenhada – e termina no Monte Nebo, do qual é possível contemplar a terra de Canaã, destino final das tribos de Israel. Antes mesmo de subir a essa montanha, Deus informa Moisés que ali terminará sua missão e morrerá em seguida. Egéria precisa também subir ao Monte Nebo e como *“Jesus nosso Deus não abandona os que esperam nele”*, dignou-se a dar cumprimento ao desejo da peregrina. Outro exemplo de obediência ideal é o de Abraão que não duvida em seguir o chamado do Senhor: *“sai da tua terra e da casa de teu pai e vai a Carra”*. Este chamado é também atendido por Egéria que se desloca até a casa de Abraão, em Harrã. No local encontra o santuário de São Helpídio, cujos monges tinham muita fama de santidade, fortalecida pelo ambiente pagão hostil que os rodeava.

A humildade aparece igualmente em destaque. Primeiro, na própria atitude da peregrina que a todo o momento declara que a empreitada e os eventos que vão se sucedendo ao longo da viagem devem ser unicamente atribuídos à vontade de Deus. Sente-se beneficiada pela graça divina, ao poder contemplar e percorrer todos aqueles lugares, mas confessa que não se sente merecedora de tamanho privilégio. De fato, na visita a Harrã, Egéria mostra-se profundamente agradecida à comunidade de monges que se digna a recebê-la, e a falar-lhe com muita cordialidade, coisa que ela *“não merecia”*, ou na parada que faz no santuário de Santa Tecla, já no final de sua viagem, quando diz que *“deu graças infinitas a Deus, que se dignou a satisfazer todos os meus desejos, a mim que sou indigna e não mereço”*.²⁷ Um pouco mais à frente, essa satisfação do desejo de conhecer a Terra Santa e os lugares sagrados é, de maneira explícita, vinculada à justiça divina: *“não cessei de dar graças a Jesus nosso Deus que assim se tinha dignado conceder-me a sua misericórdia”*.²⁸ Neste momento, assim como em outros, Egéria deixa transparecer a profunda felicidade diante do que vai conhecendo: uma vivência mística que ela sabe que só é concedida a poucos, que depende da graça divina, e que lhe permite vislumbrar o Bem absoluto.²⁹

Existem outros episódios que vão sendo tirados das Escrituras e cuja localização Egéria registra. Destacamos a visita a Sedima, a antiga Salém do rei

Melquisedeque, onde um presbítero a ajuda a encontrar o lugar onde aquele rei terreno, humildemente, se submeteu ao rei celestial, com "oferendas puras, isto é, pães e vinho".³⁰

Na realidade, o Deuterônimo liga a profissão de fé³¹ a um cerimonial de oferenda das primícias da terra.³² Parece haver aqui uma intenção de adaptar os cultos agrícolas ao culto cristão. Os dons da terra funcionam como a atualização da salvação e mostram a justiça e a misericórdia de Deus que salva seu povo, com a condição de que este lhe expresse sua fé.

Mas talvez o ponto mais emblemático seja a referência explícita que Egéria faz a Constantino, quando descreve a festa da Epifania que se realiza na Anástase, em Jerusalém. A decoração da basílica é descrita de forma minuciosa, com especial destaque para a profusão de ouro, pedras preciosas, sedas e tapeçarias: o imperador de Roma, humildemente, pôs as riquezas mais representativas da realeza a serviço de Deus.³³

Há um outro aspecto fundamental para a realização e atualização da justiça de Deus, ao longo do *itinerarium*: a celebração dos atos litúrgicos. Tal como na visita ao Monte Horebe, cada etapa da viagem é acompanhada de um ritual. Primeiro, uma oração (*oratio*), seguida de uma leitura da Bíblia (*lectio*) que ilumina o que o peregrino está vendo, depois um salmo (*psalmus*), finalizando com outra oração. Isto está detalhado no relato da chegada do grupo a Lívias, no vale do Jordão, antes de subir ao Monte Nebo, e Egéria esclarece que esse hábito era observado "por vontade de Deus".³⁴ Desta forma, em cada parada, o grupo lê a passagem das Escrituras que esclarece o cenário que está diante dele e faz orações de agradecimento a Deus, por lhe dar esse privilégio. A palavra escrita - além dos atos - é a maneira da divindade se revelar, e é pela Revelação que o incompreensível se torna compreensível ao espírito dos homens, esclarecendo a justiça que vem dos céus.

A segunda parte do *Itinerarium* é completamente dedicada a detalhar a vida litúrgica de Jerusalém, uma vez que a peregrina considera que as companheiras que não puderam acompanhá-la na viagem, certamente terão "grande gosto" em conhecer esse aspecto. Egéria esmiúça cada uma das celebrações que têm lugar nas basílicas, sem esquecer de sublinhar a participação e reação dos fiéis e peregrinos. Assim, temos oportunidade de

saber que se passava horas a fio dentro dos templos, assistindo aos cultos, ouvindo as pregações, chorando e gritando de dor pela Paixão do Cristo, "*sendo permanentemente instruído nas Escrituras e no amor de Deus*".³⁵ A sexta-feira santa é o momento que sobressai com mais vigor das memórias de Egéria e no qual se destacam os aspectos da justiça divina. Da traição de Judas à adoração material da própria cruz, os fiéis deixam-se envolver numa espécie de catarse que revive cada etapa do processo da Salvação. A materialidade da cruz é também transformada em ritual: os fiéis passam diante dela, ajoelham-se e a beijam, vigiados de perto pelos monges, que cuidam da integridade do santo lenho, posto que, segundo nos conta Egéria, um peregrino tentou arrancar com os dentes um pedaço da cruz para levar como relíquia.³⁶ Ao lado da cruz está um diácono que exhibe aos fiéis o anel e a âmbula que pertenceram a Salomão, para que os venerem. Este rei, que é a encarnação da própria justiça terrena acaba dividindo o espaço com a cruz da Salvação.

Ligar o Antigo Testamento ao Novo é uma preocupação que está presente ao longo da liturgia da paixão em Jerusalém, e Egéria relata com detalhes como "*são lidas as leituras e são ditos os hinos, para mostrar a todo o povo que tudo o que os profetas previram acerca da paixão do Senhor, se demonstra – quer através dos Evangelhos quer também pelos escritos dos Apóstolos – que teve concretização. E assim, durante estas três horas, é ensinado a todo o povo que nada aconteceu que não tivesse sido anteriormente previsto, e que nada foi escrito que não tenha sido inteiramente concretizado*".³⁷ É claro que a liturgia de Jerusalém, sobretudo aquela centrada na paixão e ressurreição do Cristo, tem uma dimensão muito particular para a consecução da justiça de Deus. É na vinda do Messias que se concentra a esperança da realização da justiça divina na terra.

3

Cópias do *itinerarium* de Egéria devem ter circulado nos primeiros tempos da Idade Média. Sobretudo, é a partir de uma carta escrita, no séc. VII, por Valério, monge da região do Bierzo (Espanha), a seus companheiros do mosteiro de São Pedro, que conhecemos alguns detalhes sobre a personalidade e a identidade da nossa peregrina.³⁸ Para o tema que agora nos ocupa, a forma

como Valério a descreve, exaltando as suas qualidades de mulher penitente e devota, ressalta justamente a força da justiça divina como único motor daquela peregrinação, e como o testemunho didático da peregrina continuou reverberando ao longo do tempo. Assim, é o desejo da graça divina (*flamma desiderii gratie divine*) ou o desejo da santidade de Deus (*santi desiderii flamma*) que presidem essa vontade de cruzar a terra para conhecer e rezar nos lugares sagrados.

O estilo epistolar que Egéria adota ao longo de seu discurso é sintomático de um projeto engajado da causa cristã, que tem por objetivo comunicar aos ausentes aquelas experiências fundamentais da viagem e, mais do que isso, que encara o relato como um dever.³⁹ Neste sentido compartilhamos as reflexões de Alexandra Mariano:

[...] a viagem assume-se, então, como trajecto de enriquecimento funcional, de aprendizagem, de desvendamento e de revelação para a narradora, mas também para as demais personagens que partilham, de forma mais ou menos activa e imediata, desta experiência. Referimo-nos aos seus interlocutores – os monges, clérigos, bispos que guiam a monja aos pretendidos lugares santos, que esclarecem a sua significação religiosa, relacionando-os com as Sagradas Escrituras, que a incentivam a continuar e que a recebem nos seus mosteiros de forma hospitaleira. É evidente que as destinatárias beneficiam também desta aprendizagem; é a elas, aliás, que se dirige e dedica o relato, e é o gozo expectante da leitura, que se adivinha, que motiva, em última instância, o processo de produção textual.⁴⁰

O aspecto empírico como elemento fortalecedor da espiritualidade, ou a materialidade da fé, está presente em outros autores cristãos, inclusive contemporâneos de Egéria. São Jerônimo talvez tenha sido o mais entusiasta e em cujos escritos deixa evidente que pisar nesses cenários bíblicos e evangélicos, atualiza a história do cristianismo e leva o fiel a se colocar no lugar de seus antepassados. Mais do que conhecer a paisagem bíblica, trata-se de reconhecê-la. Logicamente, só uma pequena parte dos peregrinos consegue escrever as suas memórias e não podemos esquecer a força que tinham os relatos orais daqueles que voltavam para casa, ou para seus mosteiros, e que passavam anos a fio alimentando a fé de suas famílias com o que tinham visto e vivido. Estes certamente foram muito numerosos e tiveram um grande papel

didático. Entre aquele que viu e a audiência que o escuta estabelece-se uma relação de retro alimentação da fé.

Peregrinar é parte de um projeto maior que pretende construir a civilização cristã. É um elemento a mais nesse objetivo de construir um imaginário de interesses comuns a partir de um método assentado na visão, reconhecimento e relato da Verdade e da presença divina na história. Egéria, como vimos, peregrina entre a tradição vetero e neotestamentária, entre uma justiça que se assenta na lei e outra que se assenta na fé. Sem dúvida, Cristo traz uma noção muito mais ampla e profunda de justiça do que aquela vivida pelo povo de Israel. Aliás, isso está teorizado em São Paulo⁴¹ quando fica evidente que a lei se mostrou incapaz de garantir a salvação daqueles que tentaram consegui-la pelas próprias obras. Só a fé em Deus pode afastar o homem do perigo da 'aventura solo', de tentar se salvar a partir de um conceito de justiça individual. Ora, enquanto a lei dá apenas o conhecimento do que é pecado,⁴² a fé dá a força do espírito que santifica.⁴³ Só isto garante a Salvação. A sabedoria de Deus – ou a sua justiça - é um mistério e somente a fé permite apreendê-la.

A época de Egéria coincide com os primeiros séculos do pensamento cristão, quando os pais da Igreja põem a descoberto as contradições entre a revelação cristã, o judaísmo e as concepções filosóficas gregas e latinas. É um momento fundacional que, mais do que partir da negação do pensamento pagão, trata de se apropriar dele e cristianizá-lo. Embora falte a essa patristica a capacidade da sistematização, é evidente uma estrutura de pensamento que se apoia no significado da história da Salvação e que procura buscar nos textos bíblicos uma dimensão teológica sapiencial. Isto é claro em Santo Agostinho, cujos esforços se concentram em edificar não só a própria vida interior, mas também a existência cristã do seu próximo e, embora não conhecesse o bispo de Hipona, essa dimensão está também presente em Egéria.

O *itinerarium* da justiça divina está, portanto, assentado sobre uma ética bastante precisa, sobre a virtude e sobre a fé. Uma virtude de tradição aristotélica que olha para a justiça como o bem supremo, o eterno anseio do homem por felicidade. Uma felicidade que para os padrões da nossa peregrina está muito distante da satisfação individual, mas que se submete a um projeto coletivo, comandado pelo legislador do universo: Deus. Ele é a única

autoridade reconhecida e guarda o segredo da verdadeira justiça. Assim, a felicidade só pode ser atingida quando o cristão cumpre a lei de Deus.

Apesar da palavra “justiça” não aparecer uma única vez ao longo do relato de Egéria, para nós, seus leitores, é evidente a sua presença em praticamente todas as linhas. A ideia da justiça está de tal forma vinculada à essência do cristianismo, que mesmo sem ser explicitamente mencionada, ela aparece como o único fio condutor que é capaz de dar sentido e de harmonizar todos os aspectos dessa epopeia; tanto do passado bíblico e evangélico, quanto do presente da nossa peregrina. As expressões de alegria inexplicável, ou felicidade absoluta proporcionadas pela Revelação, promovem o encontro dessas personagens em dimensões temporais que desafiam a racionalidade. Acreditar na existência de Deus, ou na justiça absoluta, é o que permite que Abraão, Moisés e Egéria compartilhem o mesmo cenário e a mesma felicidade. Afinal, para a religião cristã “*a justiça é uma qualidade essencial de Deus*”.⁴⁴

Encontrar Deus e sua justiça em qualquer ação cristã pode ser visto como um truísmo. Entretanto, nosso propósito, ao estudar o *itinerarium* de Egéria, foi entender a própria perigração, passo a passo, como a realização da justiça divina.

NOTAS

* Maria Filomena Coelho é doutora em História pela Universidade Complutense de Madrid. Pós-doutora em História pela Universidade Nova de Lisboa.

E-mail: filo-coelho@hotmail.com

¹ Para seguir o relato de Egéria utilizaremos a edição e tradução de Alexandra B. MARIANO e Aires A. NASCIMENTO. *Egéria. Viagem do Ocidente à Terra Santa, no séc. IV*. Lisboa: Ed. Colibri, 1998.

² Egéria repete isto constantemente ao longo do *itinerarium*.

³ Este tema está desenvolvido em Pierre MARAVAL. *Lieux saints et pèlerinages d'orient*. Paris: Ed. du Cerf, 1985. CHÉLINI, J.; BRANTHOMME, H.. *Les chemins de Dieu. Histoire des pèlerinages chrétiens, des origines à nos jours*. Paris: Hachette, 1982.

⁴ MARIANO; NASCIMENTO, *op. cit.* 1998, p. 147. Assim se refere a ela, o bispo de Edessa.

⁵ A Via Dolorosa data do séc. XIII, com a demarcação precisa das catorze estações da Paixão, iniciando-se no convento da Flagelação, passando pelo convento do “*Ecce Homo*” e finalizando no Santo Sepulcro.

⁶ Os mais famosos são o *Itinerarium Burdigalense* (333), de autor anônimo, o *Itinerarium Egeriae* (ca.380), o *Epitaphium Paulae* (404), de São Jerônimo, *De Situ Terrae Sanctae* (ca. 530), do arcebispo Teodósio, o *Itinerarium Antonini* (ca.570), de um peregrino de Piacenza, as *Anacreonticas XIX e XX* (ca. 600), do patriarca de Jerusalém, Sofrônio, o *Adamnani De Locis Sanctis* (ca. 670), do bispo Arculfo, o *Hodeporicon Sancti Willibaldi* (ca.720), e o *Bernardi monachi Sapientis Itinerarium ad loca sancta* (ca. 870). CHÉLINI, J. ; BRANTHOMME, H., *op.cit.* 1982.

⁷ Obviamente, nosso propósito não é o de discutir as origens de Egéria e, portanto, seguiremos a maioria dos especialistas que parecem concordar em que ela teria vindo do noroeste da Península Ibérica. Ver: Alexandra MARIANO e Aires NASCIMENTO, *op.cit.*, pp. 15-77. Ver também *Atti del Convegno Internazionale sulla “Peregrinatio Egeriae”*. Arezzo, 1990.

⁸ *Idem*, p. 83.

⁹ *Idem*, p. 85.

¹⁰ *Idem, ibid.*

¹¹ SALMOS 36,6.

¹² MARIANO; NASCIMENTO; *op. cit.* 1998, 97.

¹³ *Idem*, p. 97.

¹⁴ Provavelmente, tratava-se de estátuas que representavam o faraó e alguma divindade, mas, convenientemente, acabam por se encaixar na interpretação desejada.

¹⁵ Egéria usa o topônimo Segor, tal como a *Vulgata*, para referir-se a Bela.

¹⁶ MARIANO; NASCIMENTO, *op. cit.* p. 127.

¹⁷ *Idem*, p. 113.

¹⁸ *Idem*, p. 133.

¹⁹ *Idem*, p. 111.

²⁰ *Idem*, p. 121.

²¹ *Idem*, p. 129.

²² *Idem*, p. 139.

²³ *Idem*, p. 161.

²⁴ *Idem*, p. 147.

²⁵ Jo 16,8.

²⁶ Jo 16,10.

²⁷ MARIANO; NASCIMENTO, *op. cit.*1998, 167.

²⁸ *Idem*, p. 171.

²⁹ Neste ponto é inevitável a comparação com a filosofia platônica sobre a ideia do Bem absoluto.

³⁰ *Idem*, p. 131.

³¹ Deut. 26,5-9.

³² Dt. 26,4-10.

³³ MARIANO; NASCIMENTO, *op. cit.* 1998, 189.

³⁴ *Idem*, p. 119.

³⁵ *Idem*, p. 183.

³⁶ *Idem*, p. 221.

³⁷ *Idem*, p. 223.

³⁸ DÍAZ Y DÍAZ, Manuel (ed.). *Lettre sur la B. Égerie*. Paris : Ed. du Cerf, 1982, p. 336-349.

³⁹ *Et illud etiam scribere debui*. MARIANO; NASCIMENTO, *op. cit.* 1998, p. 238.

⁴⁰ *Idem*, p. 54-55).

⁴¹ Rm 9 32;10,3.

⁴² Rm. 3,20.

⁴³ Rm. 1,4;8,11.

⁴⁴ KELSEN, Hans. "A ideia de justiça nas Sagradas Escrituras". In: *O que é justiça?* São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 27. Cf. Também : *Atti del Convegno Internazionale sulla "Peregrinatio Egeriae"*. Arezzo, 1990. CARDINI, Franco. "Egeria, la pellegrina". In: BERTINI, CARDINI *et alii*. *Medioevo al femminile*. Roma: Ed. Laterza, 1989, pp. 3-30. CHÉLINI, J. ; BRANTHOMME, H.. *Les chemins de Dieu. Histoire des pèlerinages chrétiens, des origines à nos jours*. Paris : Hachette, 1982. MARAVAL, Pierre. (ed.). *Égerie, Journal de voyage (itinéraire)*. Paris : Ed. du Cerf, 1982. MARAVAL, P. *Lieux saints et pèlerinages d'orient*. Paris : Ed. du Cerf, 1985. PRODI, Paolo. *Uma história da Justiça. Do pluralismo dos tribunais ao moderno dualismo entre a consciência e o direito*. Lisboa: Ed. Estampa, 2002.